



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

**Representação social da aula de geografia
compartilhada entre estudantes do 9º ano do
ensino fundamental**

MARCUS VINÍCIUS DE MOURA ALBUQUERQUE

Recife, 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

**Representação social da aula de geografia
compartilhada entre estudantes do 9º ano do ensino
fundamental**

MARCUS VINÍCIUS DE MOURA ALBUQUERQUE

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Geografia Licenciatura, Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do grau de licenciando em geografia, sob a orientação da professora Rejane Dias da Silva.

Recife, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo
autor, através do programa de geração automática
do SIB/UFPE

ALBUQUERQUE, Marcus Vinícius de Moura.

Representação social da aula de geografia compartilhada entre estudantes do
9º ano do ensino fundamental / Marcus Vinícius de Moura ALBUQUERQUE. -
Recife, 2023.

20p. : il.

Orientador(a): Reajane Dias da SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia -
Licenciatura, 2023.

8,0.

Inclui referências, apêndices.

1. Ensino de geografia. 2. Representação social; ensino fundamental.. 3.
Ensino fundamental.. I. SILVA, Reajane Dias da. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

MARCUS VINÍCIUS DE MOURA ALBUQUERQUE

**Representação social da aula de geografia compartilhada entre
estudantes do 9º ano do ensino fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia
licenciatura da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
graduado em licenciatura em
geografia.

Aprovado em: 16/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rejane Dias da Silva (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Fabiano Elias Pereira (Examinador Externo)

Instituto Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende analisar as Representações Sociais das aulas de geografia compartilhadas entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de duas escolas da Região Metropolitana de Recife. Para tal, utilizamos a Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Moscovici, na década de 60 e também, nos referenciamos na teoria do núcleo central, desenvolvida por Jean-Claude Abric (1976). Participaram da amostra 98 estudantes do 9º ano do ensino fundamental, matriculados no ano letivo de 2023. A coleta dos dados foi realizada através dos questionários de associação livre de palavras e para a análise dos dados utilizamos o software IRAMUTEC. Observamos que as representações sociais dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, se organizam em torno da globalização, economia, mapa, países e guerra; além de outros termos que se correlacionam a essas ideias centrais. Esse resultado nos possibilitou aproximar-nos de como os sujeitos da amostra compreendem o conhecimento geográfico. As civilizações se utilizaram e desenvolveram esses conhecimentos na perspectiva de compreender a realidade do nosso planeta, possibilitando a instituição da geografia como ciência. Esses dados nos apresentam também como os estudantes do ensino fundamental representam esse conhecimento.

Palavras chaves: Ensino de geografia; representação social; ensino fundamental.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	Ciência geográfica: origem e consolidação como ciência	08
3	A geografia no Brasil	11
4	Procedimentos Metodológicos	15
5	Resultados	17
6	Considerações finais	21
7	Referências bibliográficas	23
8	Apêndice	24

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da possibilidade de compreender, através da teoria da representação social, a percepção dos estudantes do 9º ano em relação às aulas de geografia. A vivência da sala de aula permite várias formas de interação com os conteúdos geográficos, se trabalhados de forma satisfatória, permitem aos estudantes compreender melhor a realidade, possibilitando uma atuação de maneira mais consciente e propositiva tanto nas aulas, como na vida. Entender a percepção geral dos estudantes sobre a aula de geografia pode nos proporcionar um elemento importante para aprimorar nosso trabalho em sala de aula.

Os professores, em geral, e o de Geografia em particular precisam ter como ponto de partida as representações e os saberes que os alunos trazem para o espaço escolar. Não pode existir um vácuo entre o saber escolar - fundamentado nas teorias e metodologias originárias da academia - e as múltiplas representações sociais que os jovens construíram no caminhar de sua existência. (PONTUSCHKA, 2000, p. 151.)

As inovações tecnológicas, os constantes debates sobre o modelo de escola e sua organização, entre tantos outros debates e mudanças, reconfiguram de tempos em tempos nosso fazer educação. Acompanhar essas discussões e todas as transformações que acontecem é necessário para manter nosso trabalho sempre atualizado e acompanhando a dinâmica do processo educacional.

O ensino de geografia tem recursos e metodologias específicas que, quando trabalhadas em sala, proporcionam uma aproximação com a ciência geográfica. Instrumentos como o mapa, o globo terrestre, a maquete, a bússola, as imagens de satélite, ao mesmo tempo que são ferramentas de trabalho do geógrafo, são também, recursos didáticos incorporados na metodologia de ensino da geografia ao longo dos anos de prática da geografia escolar. O avanço tecnológico nos permite trabalhar com geoprocessamento, configurando uma nova fase do ensino da geografia, nos dando novos caminhos para acessar o conhecimento geográfico. A rede mundial de computadores, a internet, dinamiza

a realização de pesquisas, e com ela uma série de ferramentas para a elaboração de trabalhos e estudos durante o ano letivo.

No entanto, é perceptível que uma significativa parcela dos estudantes não desperta interesse, não participa, nem interage com os conteúdos das aulas de geografia. Até chegar ao 9º ano, série escolhida como amostragem desse trabalho, o aluno percorre todo o ensino fundamental tendo aulas de geografia e aulas de outras matérias que tratam de conteúdos geográficos. A forma como se deu essa experiência, além da sua experiência de vida, reflete na relação do estudante com a geografia.

Nessa perspectiva, buscamos responder as seguintes questões: O que mais interessa os alunos nas aulas de geografia? Quais as representações sociais dos estudantes sobre o conhecimento geográfico?

Gostaríamos de destacar que no processo ensino aprendizagem, a centralidade do processo deverá ser o estudante, pois acreditamos que a escola existe em função dos estudantes. Quanto mais compreendermos a dinâmica, as fases, as influências, e buscar entender o que tem influenciado as novas gerações em idade escolar, e o contexto social que estão inseridas, como interagem com as tecnologias, poderemos ter mais elementos e recursos para ajustar nossa prática pedagógica.

Assim, temos como objetivo geral, analisar as representações sociais compartilhadas entre os estudantes do 9º ano do ensino fundamental sobre a aula de geografia. E como objetivos específicos; identificar o campo semântico dessas representações e descrever os elementos do núcleo central das representações sociais da aula de geografia.

O contexto escolar exerce influência nos estudantes, como também em seu processo de ensino aprendizagem, onde o interesse por determinadas áreas do conhecimento depende de uma série de fatores. O ambiente escolar é muito dinâmico e nem sempre apresenta as melhores condições de ensino. Se conseguíssemos oferecer, para a ampla maioria do corpo estudantil, aulas com recursos didáticos típicos da aula de geografia, certamente teríamos um cenário bastante diferente. Incorporar nas aulas essas ferramentas possibilita mais compreensão dos temas estudados, a utilização de tais recursos com seus simbolismos aguça a relação com o objeto de estudo que permite mais possibilidades de entendimento.

Assim, compreender o que os estudantes pensam sobre o conhecimento geográfico e o seu ensino, pode apresentar elementos para embasar novas práticas de sala de aula, bem como fomentar e ajustar métodos e utilização de recursos didáticos mais atraentes para os alunos.

2. Ciência geográfica: origem e consolidação como ciência

Desde a pré-história os seres humanos produzem conhecimentos das mais variadas ordens, dentre esses, os conhecimentos de cunho geográfico. Na luta pela sobrevivência a humanidade atuou sobre o espaço natural, essa atuação tornou-se cada vez mais complexa à medida que a humanidade se desenvolvia. Os agrupamentos de humanos alteravam o espaço que habitavam, realizando intervenções para adequar o meio para favorecer sua permanência naquele local e sua subsistência, surgindo assim o espaço geográfico, fruto da atividade humana capaz de alterar o meio natural.

Viver no Espaço geográfico ampliou as possibilidades de sobrevivência e fez desenvolver as capacidades dos humanos, diversificando as ações antrópicas e conseqüentemente aprimorando os conhecimentos dos fenômenos e dos recursos da natureza e de como se utilizar deles para o desenvolvimento da espécie. O acúmulo de experiências por longos anos sobre o espaço natural foi capaz de gerar compreensões que vigoram até os dias atuais.

Antigas civilizações da humanidade esbanjavam conhecimentos geográficos das regiões que habitavam, compreendiam a dinâmica das estações do ano, das oscilações de temperaturas, do relevo, da hidrografia, até conhecimentos de astronomia. Um conjunto de conhecimentos que contribuíam para o estabelecimento de agrupamentos humanos nas mais diversas áreas do planeta. Os saberes de cunho geográfico sempre estiveram presentes desde as mais antigas civilizações da humanidade.

Admitindo-se como povos primitivos aqueles que viveram na pré-história, sem conhecimento da escrita, somos forçados a admitir que eles, vivendo na superfície da terra, dela retirando o seu sustento e tendo uma concepção do mundo, já tinham ideias geográficas. (ANDRADE, 2008, p.31).

Durante milênios os saberes geográficos acompanharam e contribuíram para a sobrevivência e o desenvolvimento dos agrupamentos de humanos espalhados pelo planeta. Nessa linha do tempo foram se aperfeiçoando, até que cerca de dois mil anos atrás a geografia teve sua primeira obra literária produzida na Grécia, uma coletânea de livros com o título de *Geografia*, escrita por Estrabão. O autor descreveu com detalhes os aspectos naturais do mundo conhecido pelos gregos, esta valiosa obra, que existe quase completa até os dias atuais, simboliza o surgimento da geografia.

Os romanos se utilizaram da geografia, ao seu modo, para expandir e administrar toda extensão de seu império. Após o esfacelamento do Império romano, outros povos exerceram papel de domínio político, territorial, militar, econômico e se utilizaram dos saberes geográficos acumulados até então. Eles também produziram novos saberes e cada vez mais foram aprimorando e desenvolvendo esses conhecimentos, que continuaram sendo sistematizados e transpassados aos povos à medida que se tornavam mais complexas as relações entre os povos do mundo, percorrendo toda idade antiga, média e moderna.

Foi com o naturalista Alexander Von Humboldt e o filósofo Karl Ritter, no século XVIII, no contexto do surgimento do Estado Nação Alemão e das guerras no seio da Europa, que vimos a consolidação das bases da geografia como conhecemos atualmente. No século XIX, Friederich Ratzel e sua postura entusiasta da consolidação do Estado Nação da Alemanha, deu prosseguimento ao desenvolvimento da geografia, com sua teoria do espaço vital, contribuiu para o conceito de território, ampliando a perspectiva antrópica na geografia e assim o caráter científico da geografia moderna tomou corpo. A geografia foi utilizada como “sustentação científica” para a reorganização dos territórios na Europa e a política de dominação de nações de outros continentes.

Surgiu a geografia como um ramo autônomo do conhecimento, muito ligada a explicações dos fenômenos físicos e muito comprometida com as posições políticas dos seus fundadores. (ANDRADE, 2008, p.19).

Considerando as relações de poder do século XIX na Europa, surge na França teóricos que formulam os saberes geográficos contrapondo os teóricos

alemães. Desse período temos as escolas determinista e a possibilista, sempre analisando a relação humana com a natureza. Vidal de la Blache e Lucien Gallois, principais nomes da escola possibilista francesa, protagonizaram uma corrente geográfica na qual o possibilismo surge como reflexo das relações conflituosas das principais potências daquele momento, contribuindo para o avanço da geografia, sendo essas as duas principais correntes da geografia do início do século XX.

Ambas escolas, tanto a alemã como a francesa, são fruto do momento histórico, já mencionados anteriormente, e das relações sociais que estavam ocorrendo, a primeira buscando consolidar o estado alemão, a outra defender as conquistas francesas. (SILVA 2019, p 45).

A complexidade das relações entre os países, os novos conflitos, as atividades econômicas e de exploração avançando em escalas globais, tornaram o objeto de estudo da geografia extremamente diversificado, criando a necessidade de ampliar as formas de análise, de abordagem para se ter uma melhor compreensão dos fenômenos. Na ânsia de aprofundar os conhecimentos geográficos e de representar os interesses de outras potências, outras correntes foram surgindo no curso do século XX.

com as novas demandas sociais, muitos saberes já apropriados, e diversas lacunas para compreensão social, a geografia tradicional acaba por entrar em crise... Diversas mudanças sociais aconteceram desde a expansão do capitalismo, da urbanização, as novas relações do meio rural fruto da mecanização. (SILVA, 2019, p 47).

A geografia pragmática, a geografia crítica e a geografia humanística, são exemplos de como a geografia se diversificou e como se propôs a dar conta das novas formas do espaço geográfico e das relações entre os homens e seus governos com esse meio.

3. A geografia no Brasil

Os povos originários que habitavam as terras que conhecemos atualmente como Brasil, como todos os povos da humanidade, possuíam conhecimentos de cunho geográfico. Invasores europeus, portugueses, holandeses, espanhóis e franceses, no processo de colonização, se utilizaram desses conhecimentos para implementar seu regime de exploração e escravidão. Os invasores precisavam percorrer o vasto território dos povos indígenas e se utilizaram dos seus conhecimentos geográficos para explorar as “novas terras”. Seria impossível executar o plano de dominação do “novo continente” sem o conhecimento dos indígenas que aqui habitavam. Os caminhos de Peabiru representam muito bem esse fenômeno, onde o navegador português Aleixo Garcia, em 1516, ouviu as histórias sobre um caminho que levava até um império nas montanhas, rico em ouro e prata. As trilhas que vinham do Brasil conectavam-se à rede de estradas incas e pré-incas através dos Andes.

Possivelmente os Caminhos de Peabiru configuravam-se como uma trilha transcontinental que ligavam o Oceano Pacífico ao Oceano Atlântico em uma rota principal entremeada por inúmeros ramais caracterizados por certa profundidade e seu revestimento superficial por gramíneas. (ROCHA, 2017, p.19)

Em se tratando de educação, do ponto de vista do colonizador, as primeiras experiências escolares se deram com os jesuítas, que além de catequizar os indígenas, geriam as primeiras escolas do Brasil. Nesse período a geografia não se constituía como uma disciplina escolar, nem existia uma política educacional voltada às grandes massas. Os conteúdos geográficos eram incorporados em aulas de outras disciplinas.

é possível afirmar que a escola Jesuítica não tinha na Geografia um conhecimento específico que devesse ser difundido com essa nomenclatura, entretanto era um saber necessário à formação daquela sociedade, por isso compunha os textos destinados ao ensino da escrita e da leitura. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 26.)

A geografia escolar no Brasil se dá a partir da década de 30 do século XIX, mais de 10 anos de independência de Portugal, se apresenta a necessidade da ampliação das formas de educação no país, surgindo as primeiras escolas, fruto de uma política de estado. O Imperial Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, fundado em 1837, é criado com o intuito de oferecer uma educação de qualidade e passa a ser o modelo para as poucas escolas brasileiras. Ao fazer parte dos componentes curriculares tomado como modelo para todo o país, a geografia se consolida na educação escolar brasileira e tem, a partir de então, uma trajetória marcada pela diversidade das correntes geográficas surgidas no mundo e pela forma como os governos tratam a educação até os dias atuais.

... a disciplina Geografia se institui, com propósitos e finalidades específicas e de acordo com o papel da escola na época. Além disso, foram elaborados currículos ou legislações que direta ou indiretamente serviam de referenciais para as escolas do país. Com relação à escola secundária, efetivamente, isto passa a acontecer após a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e a obrigatoriedade de que as escolas (privadas e públicas) seguissem este Colégio como padrão, constituindo o seu currículo como modelo nacional para todas as disciplinas (ALBUQUERQUE, 2011, p. 21.)

No Brasil imperial, o modelo francês de educação foi copiado, servindo de padrão para as escolas do país. Com a geografia não foi diferente, inclusive, os materiais utilizados como recursos didáticos no período eram inspirados, e em muitos casos traduções, dos materiais franceses.

[...] os compêndios de Geografia utilizados nas escolas brasileiras ao longo do século XIX. Eles eram importados da França. Assim, seguidas gerações de estudantes foram ensinadas por meio do “Manuel de Baccaalaureat” e do “Atlas Delamanche”, mais do que isso, quando e iniciou a produção de compêndios nacionais era perceptível a tentativa de aproximar-se o máximo possível das obras de referência francesas (RIBEIRO, 2011, p.823).

A iniciativa do governo imperial e da jovem elite brasileira de elaborar um modelo de educação encontrou diversos obstáculos para ser implementada em escala nacional. A educação era restrita e não se tinha o interesse em universalizar a escola para população brasileira.

Por anos, a dita geografia clássica, trabalhada nas poucas escolas tratava de apresentar a descrição do país de sua paisagem, seus aspectos naturais, exigindo a memorização dessas informações por parte dos alunos. Nesse período, os conteúdos se caracterizavam por apresentar um apanhado de informações de ordem geral sobre a Terra e de nomenclatura geográfica.

O Brasil, nas primeiras décadas do século XX passa por alternâncias do poder e as diferentes formas de governo agitam o debate sobre a concepção e o papel da educação e da escola. Uma nova proposta de ensino começa a se disseminar nos anos 20 do século passado, que representa o início de profundas transformações na geografia escolar brasileira. Por esse período, as publicações do professor Delgado de Carvalho iniciavam a produção científica geográfica brasileira.

...marcado pela introdução da Geografia moderna trazida para a escola brasileira por Carlos Miguel Delgado de Carvalho, autor de livros didáticos, e um divulgador entusiasmado de propostas inovadoras para as práticas escolares. (ALBUQUERQUE, 2011, p.23).

A jovem república, preocupada em corresponder aos anseios da elite brasileira e das reais necessidades do desenvolvimento do país e de sua população, prossegue com reformas na educação. Uma geografia moderna ganha espaço entre os pensadores da educação em contraposição à geografia clássica. A geografia chega na universidade brasileira a partir das décadas de 30 e 40 do século XX. A formação de professores e os debates da ciência geográfica a partir desse momento começam a ganhar uma nova fase.

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e do Departamento de Geografia, em 1946, teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência ensino da disciplina. (PONTUSCHKA, TOMOKO, PAGANELI, CACETE, 2007, p.45).

Os primeiros cursos universitários de geografia no Brasil recebem forte influência de autores franceses. Os autores passaram a manter relação estreita com o debate realizado na academia. Assim, alguns deles passaram a influenciar

diretamente a elaboração de currículos e a trabalhar com a formação de professores, o que definia um novo olhar sobre o ensino de Geografia.

Esta geografia escolar moderna vai perdurar até os anos de 1970, quando se institui no país os estudos sociais resultado da política educacional da ditadura militar iniciada em 1964, e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva pedagógica tecnicista. A ditadura promove mudanças legislativas, isso redirecionou as ações educacionais do período, os avanços que a geografia brasileira teve, no começo do século XX, retrocedem:

[...] medidas ligadas à política educacional do País (sob regime militar), na década de 70, levaram para as escolas livros com saberes geográficos extremamente empobrecidos em seu conteúdo, desvinculados da realidade, brasileira e, ademais, descaracterizados pela proposta dos Estudos Sociais, introduzidos pela Lei 5.692/71 (Conti, 1976, p.57). esse empobrecimento dos livros didáticos é explicado pela imposição da censura militar sobre publicações, autores e editoras. (PONTUSCHKA, TOMOKO, PAGANELI, CACETE, 2007,p.53).

Os professores formados ao adentrarem no ambiente escolar tem que adequar sua prática de ensino de geografia, agora, no formato da disciplina Estudos Sociais, vendo seu campo de trabalho distanciado da sua formação acadêmica, pois ao trabalhar duas ciências diferentes em uma única disciplina, cada uma com seu objeto de estudo específico, o aprofundamento dos conteúdos de ambas é limitado.

Com o fim da ditadura militar em 1985 e a nova constituição promulgada em 1988, estavam abertas as portas que levariam a um reestabelecimento da geografia como componente curricular em todas as esferas do ensino e toda uma reestruturação do sistema educacional. Após um amplo debate é aprovada em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394. e seus desdobramentos redefinem todo o funcionamento da educação. Nesse período, as perspectivas críticas da geografia haviam ganhado mais relevância e o debate da academia influenciou na geografia escolar, porém aspectos da geografia tradicional clássica permanecem fortes na sala de aula.

A geografia escolar dos dias atuais, para o 9º ano, tem sua base nos conceitos expressos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, em um conjunto de recomendações para a prática docente, que traça os rumos de como trabalhar a disciplina nas escolas. A Base Nacional Curricular Comum tem caráter normativo e esmiúça as competências, habilidades, conteúdos, os objetos de conhecimento, os níveis escolares e toda parte pedagógica e específica dos conhecimentos geográficos que estão sistematizados numa proposta construída pelo conjunto da sociedade brasileira, incluindo os teóricos da educação, professores das escolas e das universidades. Chegando numa proposta que não está acabada, mas que reúne o acúmulo de toda experiência da geografia brasileira, tanto a escolar, quanto a acadêmica

4. Procedimentos Metodológicos

A Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici (1961) se apresenta como um recurso teórico-metodológico recomendável, por possibilitar uma abordagem multidisciplinar. Segundo Abric (1994) o estudo das representações sociais necessita da utilização de estratégias metodológicas, que além de orientarem e fazerem emergir os elementos constitutivos da representação, conheçam a organização desses elementos e sinalizem seu núcleo central.

A teoria das representações sociais pode oferecer um potencial analítico para a compreensão de aspectos importantes relacionados à área de educação. Assim utilizamos a teoria do núcleo central, pois nos permite tanto conhecer as representações sociais de um dado conteúdo, como hierarquizar essas representações, possibilitando conhecer os elementos que apresentam maior força social. Sendo assim, essa abordagem se adequa ao nosso objeto de estudo, pois visamos não só conhecer as representações sociais, mas identificar como ela se estrutura, quais elementos constituem o núcleo central e o sistema periférico.

Em síntese, as representações sociais constituem significados que as pessoas utilizam para entender o mundo, construções mentais elaboradas mediante a atividade simbólica do sujeito no processo de comunicação social, que servem de orientação para seus comportamentos e ações. (MACHADO, 2013, p.18).

Para termos acesso ao campo semântico das representações sociais dos estudantes, utilizamos a técnica de Associação Livre de Palavras. Solicitamos que os estudantes citassem cinco palavras que a expressão “Aula de Geografia” lhe faz pensar, e em seguida destacasse dentre as cinco palavras citadas a que melhor define Aula de Geografia. O questionário de Associação Livre de Palavras contribui com a pesquisa, ao passo que nos permite obter informações dos sujeitos de pesquisa, de modo espontâneo. Silva R. (2013, p.114) esclarece que “a aplicação do mencionado instrumento consiste em pedir ao sujeito que, a partir de uma expressão ou palavra-estímulo, ele escreva uma série de palavras que lhe venham à mente”, o que possibilita maior fluidez e espontaneidade aos sujeitos da pesquisa.

. Nosso questionário foi composto de duas etapas: a primeira visava conhecer um pouco do perfil dos alunos, para isso buscamos saber a escola, o gênero e idade. A segunda etapa se constitui de duas questões que compunham o questionário de Associação Livre de Palavras. O referido questionário se encontra disponível para visualização no Apêndice A.

O questionário foi aplicado para 98 estudantes do ensino fundamental, sendo 73 da Escola Estadual Isaura de França (pública), no qual aplicamos o questionário em quatro turmas do 9º A, com 25 participantes e 9º B, com 26 participantes, no turno da manhã. No turno da tarde tivemos o 9º C, com 13 participantes e 9º D com 9 participantes. Nessa escola tivemos 39 estudantes de sexo feminino e 34 do sexo masculino. A faixa etária dos estudantes vai de 13 a 16 anos de idade.

Os demais participantes da pesquisa são da Escola Academia Educação, escola particular localizada no bairro Caetés 1, no município de Abreu e Lima. Participaram da pesquisa 25 estudantes, todos da mesma turma do turno da manhã. Participaram 10 estudantes do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com faixa etária idêntica à da primeira escola, de 13 a 16 anos de idade.

Ambas escolas estudadas, estão situadas em Caetés 1, um bairro periférico da Região Metropolitana de Recife (RMR), em que essa realidade nos oferece uma amostragem similar à realidade de muitas escolas brasileiras. Nesses locais os instrumentos do poder público não funcionam como nas grandes cidades, certamente essas representações sociais recebem essas

influências e podemos perceber como essas insuficiências atuam sobre os alunos.

Para a aplicação do questionário de Associação Livre de Palavras entramos em contato com a gestão de ambas as escolas. Posteriormente à autorização, partimos para as salas de aula, onde explicamos o propósito da pesquisa, e solicitamos a contribuição dos alunos para em seguida aplicamos o referido instrumento de coleta de dados.

Utilizamos o software IRAMUTEC para construir representações gráficas dos dados obtidos com a aplicação do questionário, dispusemos de dois formatos de representações: árvore de concorrência por similitudes e análise por meio de nuvem de palavras, com o propósito de apresentar os quadros semânticos presentes nos participantes que responderam ao questionário.

5. Resultados

O resumo das estatísticas ofereceu 165 (cento e sessenta e cinco) ocorrências textuais para 134 (cento e trinta e quatro) formas diferentes, as formas são as palavras utilizadas pelos alunos para caracterizar a aula de geografia. Destas 134 formas que se apresentaram nos 98 (noventa e oito) questionários avaliados, 112 (cento e doze) formas são hápax. Os hápax são as formas que foram mencionadas uma única vez no apurado geral. Houve ainda a ocorrência de 12 (doze) questionários em que ou não houve resposta, foi deixado em branco, ou tiveram a resposta com o termo *nada*, que não tem qualquer significado para análise textual, no total de questionários, mas indicam um quadro de 12,24% de alunos que não conseguiram expressar o que a aula de geografia significa.

O Termo *globalização* é o mais mencionado, ocorrendo 38 vezes, e sendo apontado 37 vezes como o que melhor define a aula de geografia para os estudantes. Os termos *mapa* e *guerra* também são mencionados com certa frequência significativa.

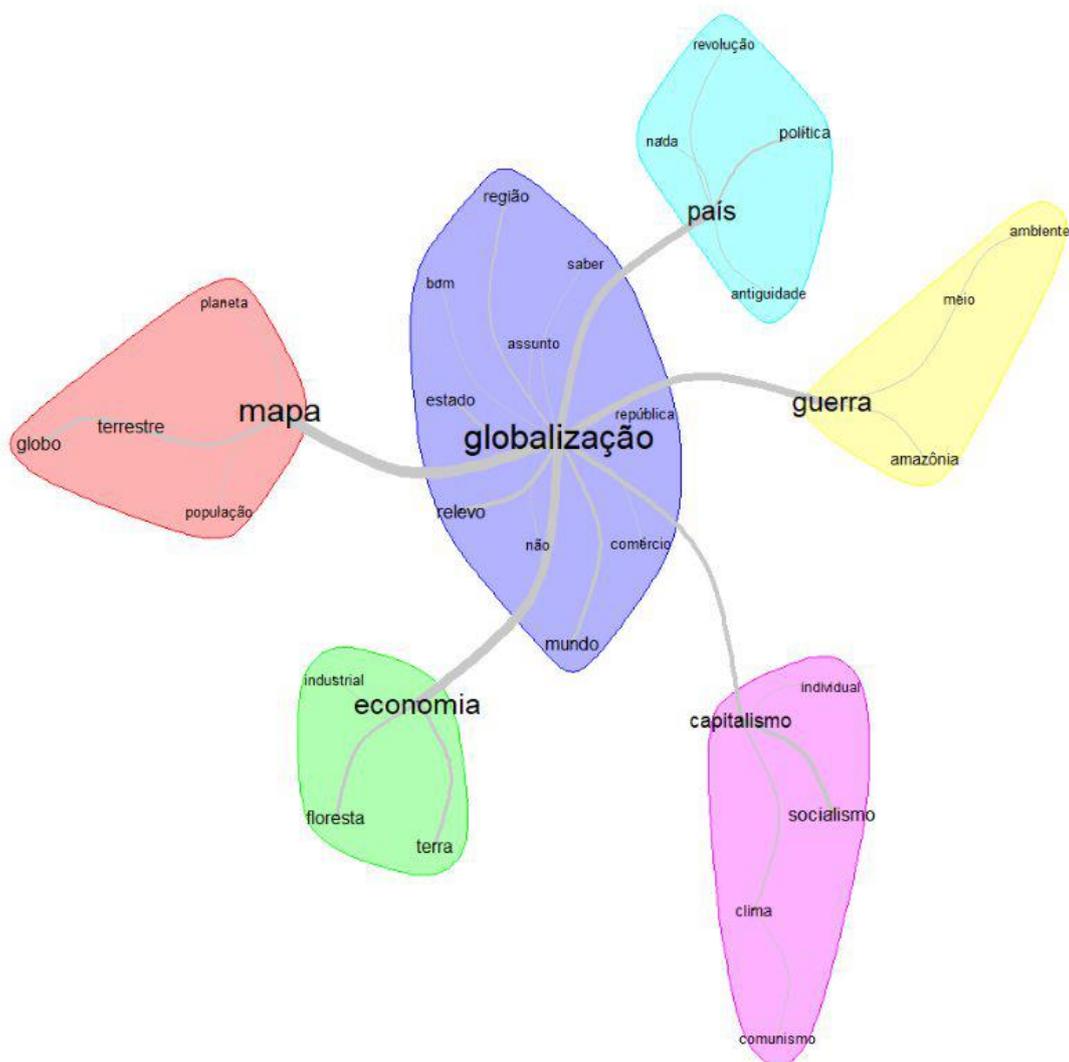
Os dados produzidos mediante o questionário de associação livre de palavras possibilitaram identificar a estrutura interna das representações sociais,

o núcleo central da representação da aula de geografia dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

A árvore de coocorrências por similitudes, baseada nas teorias dos grafos, auxilia no estudo das relações entre objetos de um modelo matemático. A análise de similitude mostra um grafo que representa a ligação entre palavras do corpus textual.

A análise por meio de nuvem de palavras mostra um conjunto de palavras agrupadas, organizadas e estruturadas em forma de nuvem. As palavras são apresentadas com tamanhos diferentes, as palavras maiores são aquelas que detêm maior importância no corpus textual, a partir do indicador de frequência e pela indicação da palavra que melhor representa a aula de geografia para os que participaram do questionário. É uma análise lexical mais simples, porém, bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras-chaves e permite uma rápida visualização de seu conteúdo.

Gráfico 1. Análise Cooorrência por Similitude – Escorre de Cooorrência. Recife, 2023



A partir desta análise é possível inferir a estrutura de construção das respostas e os temas de relativa importância, a partir da coocorrência entre as palavras. O núcleo central é representado pela palavra **Globalização** que segue se relacionando com mundo, comércio, região, estado, república, saber, assunto e relevo. Surgem cinco núcleos secundários. O ramo que apresenta maior grau de conexão com o núcleo é o da palavra *mapa*, que segue se relacionando com globo terrestre, planeta e população. Os outros quatro ramos são: “*guerra*” com ramificação para meio ambiente e Amazônia; “*país*” com ramificação para

A aula de geografia tem sua representação social pelos estudantes do 9º ano com forte referencial no tema da globalização. Ainda se encontra relacionada a mapa, país, guerra, economia e capitalismo.

“as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas vão intervir” (JODELET, 1989, p. 41).

Percebemos que os resultados desse trabalho, dialogam com os componentes estabelecidos pela BNCC, previstos para serem trabalhados no 9º ano do ensino fundamental.

no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências BNCC/MEC

No entanto, não é possível afirmar o quão esses conteúdos são assimilados, em seu grau de complexidade, pelo conjunto dos alunos. Porém podemos perceber que o que se debate nos cursos de formação de professores, dentro das academias e nas esferas de poder, chega na sala de aula. E mesmo que as escolas não se utilizem, nem disponham em muitos casos, dos recursos pedagógicos específicos da ciência geográfica, demonstra potencial de desenvolver um processo de ensino aprendizagem que tratem dos estabelecidos pelas ferramentas que normatizam o ensino no Brasil.

6. Considerações finais

Compreendemos que analisar as representações sociais dos estudantes sobre a aula de geografia é um caminho para refletirmos sobre essas representações e suas relações com a prática pedagógica desenvolvida nas salas de aula. Assim, os resultados aqui encontrados não esgotam as discussões acerca das representações sociais da aula de geografia. Os

elementos levantados no trabalho são propositivos para o desenvolvimento de novas pesquisas na busca de um ensino de geografia cada vez melhor.

E por fim, uma outra questão que nos instiga: Qual a função do ensino da geografia? Consideramos que esse conhecimento corrobora para a formação cidadã crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P & OLIVEIRA, D.C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: 1998.

ALBUQUERQUE Maria Adailza Martins de. **DOIS MOMENTOS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho**, Revista Brasileira de Educação em Geografia, Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE, M.C. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

Base Nacional Curricular Comum, Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>, acesso em 05 de maio de 2023.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org) **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. Paris: PUF, 1976. Conforme impressão de 1961.

MOSCOVICI, S. (2012). **A psicanálise, sua imagem e o seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes

PONTUSCHKA, Nídia Nacib e PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública**.

ROCHA, Arléto Pereira. **Os caminhos de Peabiru: história e memória**. Maringá, 2017.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da: **A Trajetória Da Disciplina Geografia No Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942)**.

SANTOS, Fátima Aparecida Dos. **A Escola Nova E As Prescrições Destinadas Ao Ensino Da Disciplina De Geografia Da Escola Primária Em São Paulo No Início Do Século XX**. Pontifícia Universidade Católica São Paulo – 2005

SILVA, Cláudia Valéria Rosa Da. **Ser Professor De Geografia Nas Representações Sociais Dos Licenciandos De Geografia**. Recife, 2019.

SILVA. R.D. **A formação do professor de matemática: um estudo das representações sociais**. Campina Grande: EDUEPEB, 2013.

APENDICE 1**Universidade Federal de Pernambuco - UFPE****Centro de Educação****DPGE / PPGE****QUESTIONÁRIO**

INSTITUIÇÃO _____

Pública () Particular ()

Endereço; _____

SEXO: FEM () MASC () IDADE: _____

SÉRIE _____

Escreva cinco palavras, que a expressão AULA DE GEOGRAFIA lhe faz pensar:

Dentre as palavras escritas por você marque a que considera mais importante.